Lampadário de Cristal que Mandou a Duquesa de Sabóia à Real Majestade da Poderosíssima Rainha de Portugal sua Irmã.

Idílio Panegírico a suas Altezas Reais o Príncipe D. Pedro, e sua Augusta Consorte D. Maria Francisca Isabel de Sabóia.

Alpe luzido, Luminar nevado,
Pompa da Régia Sala,
Tesouro no valor, brinco na gala
Onde à matéria vasta, a sutil arte
Fazendo ilustre excesso,
O preço abate sublimando o preço:
Confusão porém clara
Da luzida no Céu, na terra escura
Ciência, que reparte
Fortuna a Vênus, e infortúnio a Marte;
Porque quando separa
Do cristalino Céu, Céu estrelado
Vosso puro cristal, vossa luz pura
Une fazendo próprio o peregrino
Com estrelado Céu, Céu cristalino.
Lâmpada Soberana,
Digníssima do templo de Diana,
Mas se nele tivera
Vossa luz sua esfera
Com tal excesso brilha,
Brilha tão sem exemplo,
Que fora mais estranha maravilha

A lâmpada, que o Templo;
Que fora o Templo, emulação do pólo
De Diana por si, por vós de Apolo.
Belo Farol luzente,
Mais do que objeto, admiração da gente,
Digno da Torre não menor que Atlante,
Da Torre que segundo
Milagre foi do Mundo,
Antes mais que da Torre, do Gigante,
Que se vira tão lúcidos assombros
Em seus robustos estrelados ombros
A todo o Céu tratara com desprezo,
Pois vós tendes mais luz, e o Céu mais peso.
Rica facha pomposa,
A cuja luz mais que as estrelas clara
Aquela Ave famosa,
Não sei se verdadeira, ou fabulosa,
Aquela Ave do Sol, e Sol das aves
De ser Fênix deixara
Só por ser borboleta,
E sendo borboleta se tornara
Outra vez ave do maior Planeta,
Pois Fênix entre incêndios tão suaves,
Borboleta entre tochas tão luzidas
Com gostos imortais, perpétuas sortes,
Qual Fênix renovara inda mais vidas
Por lograr borboleta inda mais mortes.
Noturno Sol formoso,
A cuja luz, mais que à do Sol, quisera
Ícaro derreter vanglorioso,
Asas não só, mas corações de cera,
Porém se os derretera
No fogo lisonjeiro,
Não chorara perdida
No salgado cristal a doce vida,
Que entre suaves mágoas
Lhe tiraram primeiro
Os incêndios, que as águas,
As luzes, que os incêndios,
E não seria só luz tão brilhante,
Que deixa ao Sol estrela,
Da vida juvenil Átropos bela,
Mas ainda seria
Parca gentil do artífice elegante,
Que com tantos dispêndios
Depois de Autor, foi réu do labirinto,
Pois quando faz que a noite vença o dia
Sendo ocaso da luz à luz de Cinto,
Tanto aos olhos namora
Que quem Dédalo foi, Ícaro fora.
Formoso Sol noturno
Cuja luz tanto admira
Que se a vira o varão, vira o mancebo
De Jápeto penhor, penhor de Febo,
Que tendo em larga idade escassa sorte
Não morre à vida por viver à morte:
Que tendo em Céu sereno escuro fado
Com ser filho do Sol é desgraçado;
Um nunca encarcerado, e sempre preso
Pois vê livre, e sujeito
O Monte aberto, como aberto o peito;
Outro mais frio quando mais aceso
Pois chora extinto num, noutro elemento
De fogo a morte, de água o monumento;

Ou se a vira Faetonte,
Se Prometeu a vira,
Quando qual Sol, e Aurora
Na cera quanto bela derretida
Lagrimosa não menos, que luzida,
Alegre como Sol, como Alva chora,
Nem Faetonte prezara,
Nem Prometeu roubara,
Fogo Celestial, farol diurno
Só por vós mais ousado,
Fora seu furto, e brio,
E se aquele no rio,
E se estoutro no monte
Por tão lustroso crime
Ou fora preso, ou fora sepultado,
Em virtude de causa tão sublime
Por glória reputara
O primeiro, o segundo delinqüente
A corrente, a corrente
Que aperta, que desata
O Cáucaso de ferro, o Pó de prata.
Claridade excessiva, antes imensa
Em luzes rara, porque em luzes densa,
Ilustre, singular, prenda admirada,
Que com digna de si Real grandeza
Por mão de Embaixador excelso manda
À Majestade mor a mor Alteza,
Que manda (Ó se meu canto
Aqui subisse tanto
Que pudesse passar da terra ao vento,
Do vento ao Céu, do Céu ao Firmamento,
E desde o Firmamento até o Empíreo!)
Que manda à Rosa o Lírio,
Antes o brinco à Jóia,
Antes ao Sol a estrela,
Antes a bela Irmã à Irmã mais bela,
Esta de Lísia, aquela de Sabóia,
Que o ser Irmãs é mais nesta, e naquela,
Do que o ser a formosa, e mais formosa,
Brinco, e Sol, Jóia, e Lírio, Estrela, e Rosa.
Dêem os Cisnes do Tejo,
Do Tejo aonde pulsam de ouro as veias
Mais que as areias finas,
E numerosas mais do que as areias,
Os Cisnes, cujas músicas divinas,
Quanto mais naturais, mais peregrinas
Invejo só, mas amo mais que invejo,
Os Cisnes doce injúria das Sereias
Soltando ao vento a voz, que prende ao vento,
Dêem a tão claro assunto claro acento.
Cantem com verso digno
De celebrar mil Tróias
Levando a Esmirna o louro, a Mântua a palma
Estas Aves com alma,
Com pena estes mancebos .
A um Céu, tesouro, prado,
Luminoso, magnífico, brincado,
Que em corpo cristalino
Ostenta mais que belas
Boninas, mas de jóias,
Jóias, porém de estrelas,
Estrelas, mas de Febos;
Porém vencem tais luzes, tais primores
Mil sóis, mil astros, brincos mil, mil flores,

Ficando locuções menos condignas
Febos, e estrelas, jóias, e boninas.
Aclame-vos seu verso,
Que ao tempo humilhe, à fama se consagre
Não último milagre do Universo,
Último não, mas único milagre:
Chame a vossas colunas radiantes
Onde por toda a parte
Os cristais se estão rindo dos diamantes;
Metas da formosura, em mares de arte.
Enfim seja coroa de seu canto
De Gôngora temor, de Lope espanto
Vossa mais que a do Céu bela coroa
Menosprezo do Sol, Sol de Lisboa;
Coroa sim mui mais que a do Sol bela,
Bem que juntando aquela
Entre Auroras da terra, e do Céu Maios
As boninas que teve, os que têm raios,
Formasse claramente confundindo
Com o belo do Céu da terra o lindo,
Formasse, digo, entre jardins, e esferas
De flores Céus, e de astros primaveras.
Mas eu que, bem absorto de Morfeu,
Nem ainda sonhando
Bebi da tantas vezes clara fonte
Que ferve fria, que se ri chorosa
No Monte feio, no formoso Monte,
Aos ouvidos formoso, aos olhos feio,
Eu que nunca tirei do cristal brando
Com sede generosa
Ou por dar glória, ou por fazer injúria
Ao Mondego, ao Léteo

Em líquido calor discreta fúria,
Para maior espírito deixando
Vossa estupenda traça,
Estranha formosura,
Encantadora graça,
Vos celebro a ventura,
Porque lograis estrela tão propícia,
Tão clara, antes tão própria,
Que se não sois feitiço, sois carícia
Do soberano par, da Augusta cópia
Do Francês Poliarco, e clara Argênis,
Par sim, mas Sol, sim cópia, porém Fênix,
Onde com mil esmaltes Jove amigo
Juntou em digno corpo alma mais digna,
Como em fino metal pedra mais fina,
Antes em belo corpo alma mais bela,
Bem como em claro Céu mais clara estrela,
Que de ambos sexos conseguindo a palma
Aquele Semideus, esta Heroína,
Corpo de Adônis tem, de Alcides alma,
Alma de Palas, corpo de Ericina,
Onde com mil finezas não comuas
O cego perspicaz, o Infante antigo
Ou dividiu uma alma, ou juntou duas:
Da cópia, do par digo,
A cuja sempre igual serenidade
Humilde bem que ufana a regalia,
Ufana bem que humilde a Majestade
Auge rogava, exaltação pedia,
Por sinal, que lhe dá quanto lhe pede
Quando lho não concede,
Pois seu preço subindo em seu desprezo

Mais grave faz, dando pesar o peso
Ao sublime Diadema,
E faz mais viva a cor dobrando o pejo
A púrpura suprema
Com que o pálido lustre o lustre aceso
Da púrpura Real, do metal louro,
Aquela de Sidônia, este do Tejo
Mais púrpura mediu, pesou mais ouro.
Se quando aos dois despreza, aos dois sublima
A Céu tão alto, a tão luzida esfera,
Ó que fizera, se fizera estima
Antes que se a fizera, não fizera!
Mas por não ser sobejo
Em dois nomes recolho
Quanto em mil Epítetos desperdiço,
Repetir pois escolho
O que antes proferia
Que sois caricia, se não sois feitiço,
E de uma, e de outra Alteza
Do Príncipe maior, maior Princesa,
De Pedro, e de Maria,
Do Mavorte, do Jove, mas não fale
De Talia, e de Clio
O doce acento, o retumbante brio,
Pois é benigno mais, pois é mais forte,
Que Jove Pedro, Pedro que Mavorte.
Da flor, da luz, mas outra vez se cale
De Clio, e de Talia
O valente clarim, lira mimosa,
Pois a Cesárea, antes celeste Esposa,
Posto que é flor de Lis, antes de Lísia,
Posto que luz é Lusa, antes Elísia,
Não é só Flor, é toda a primavera,
Não é somente luz, é toda a esfera.
Ó mil vezes cristal afortunado
Alpe luzido, luminar nevado!
Vós da Alteza gloriosa
Pedro Segundo, e sem Segundo Pedro,
A quem é breve o mundo, a fama é breve,
Bem que um dobrado, e que outra mentirosa,
Mentirosa? pois não: mas como? eu minto,
Só porque digo menos que a verdade,
A cuja heroicidade
Tributa Clio os meus, bem que lhos deve,
Versos de Tasso em páginas de cedro,
A cujos Simulacros é sucinto
Quanto Faro lavrou, fundiu Corinto,
Vós deste pois mais do que Augusto augusto
Com rara estimação, com favor justo,
Com ventura em cristal nunca mais vista
O agrado mereceis, lograis a vista.
Ó mil vezes cristal afortunado,
Alpe luzido, Luminar nevado!
Vós da mais cara Esposa
Mais linda Inês do mais amante Pedro,
Que a neve, e rosa, melhor rosa, e neve,
De envergonhada já, já de medrosa
Deixa o sangue gelado, o gelo tinto,
Cuja graça excedendo a Majestade
Emula a Divindade,
A cujos Sóis azuis Urânia escreve
Versos dignos do Céu, não só do Cedro,
Para quem sinto breve, e largo sinto
De Juno o Cetro, e de Acidália o cinto:

A la Señora Condeça da Vidigueira
Vestida de Pardo por la Auzencia del Conde.

Soneto.

Ostenta la mayor soberanía
En la misma humildad, Nise la hermosa,
Quedando por bizarra victoriosa,
Sin deber a las galas bizarria.
Por no causar su Sol tanta alegría,
Quando de una tristeza está quejosa,
Pardas nubes admite rigurosa,
Y en pardas nubes luce mas su dia.
Oh! tú, que por quedar en todo rara,
Opuestos admitiste en lo divino,
Bien tu ingenio tu intención declara:
Pues muestra de tu Sol lo peregrino
En nube tan oscura luz tan clara,
En traje tan grosero amor tan fino.

Violante do Céu.

A Dona Marianna de Luna.

Soneto.

Musas, que no jardim do Rei do dia
Soltando a doce voz, prendeis o vento:
Deidades, que admirando o pensamento
As flores aumentais, que Apolo cria.
Deixai, deixai do Sol a companhia,
Que fazendo invejoso o Firmamento
Uma Lua, que é Sol, e que é portento,
Um jardim vos fabrica de harmonia.
E porque não cuideis que tal ventura
Pode pagar tributo à variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura:
Sabei que por mercê da divindade,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro imortal da eternidade.

Violante do Céu.